

UMA PRESENÇA NO OLHAR

Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação
Rimini, 24 de abril de 2015

Apontamentos da Introdução de Julián Carrón

De nada temos mais necessidade, no início deste nosso gesto, do que de gritar e pedir o Espírito, para que remova em nós tudo aquilo que está parado, tudo aquilo que não está disponível, toda a nossa distração e para que abra toda a nossa espera, como me escreve uma de vocês: «É uma daquelas manhãs em que não te consegues levantar a não ser que vás à Sua procura. E vais à missa pedindo ao Senhor para O encontrar ali, em casa, onde todos os dias começa o desafio da vida. Não sabes ainda como estar diante do teu filho, por isso tudo é injusto e tudo é raiva, tudo é pergunta; não sabes, mas arde no coração aquele pedido de amor, ainda hoje. Na espera daqueles três dias, os Exercícios da Fraternidade, tão preciosos e indispensáveis, tudo arde com um pedido, uma falta: um pedido daqueles rostos ainda procurados, em caminho como tu; um pedido de um abraço que querias que fosse para sempre, e que ainda procuras, para aqueles que amas, para o mundo inteiro; sede de ouvir, “fazer memória”, recordar, que nunca basta. Arde ainda aquele amor a Cristo, à sua companhia, que procuras ainda aos cinquenta anos e do qual nunca estás plena».

É com este pedido, com esta espera que se torna pedido, que invocamos o Espírito, para que leve à sua realização esta nossa frágil tentativa de nos dispormos a acolher aquilo que o Senhor nos dará nestes dias.

Vinde Espírito Santo

«Por ocasião do curso anual dos Exercícios espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rimini, Sua Santidade, o Papa Francisco, espiritualmente partícipe, envia o seu cordial pensamento e seus melhores votos, esperando para os numerosos participantes e para todos os que estão ligados via satélite, abundantes frutos de descoberta interior da fecundidade da fé cristã, sustentada pela certeza da presença do Cristo ressuscitado. O Santo Padre invoca os dons do Divino Espírito para um generoso testemunho da perene novidade do

Evangelho, na senda traçada pelo benemérito sacerdote, monsenhor Luigi Giussani. E enquanto pede que perseverem na oração pelo Seu ministério universal, invoca a celeste proteção da Virgem Santa e transmite, de coração, ao senhor e a todos os presentes, a implorada benção apostólica, estendendo-a, de bom grado, a toda a Fraternidade e seus entes queridos. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade».

Como o telegrama do Santo Padre assinala, no início dos nossos Exercícios estamos ainda imersos na luz da noite de Páscoa. Toda a noite de Páscoa foi dominada pela luz do Círio Pascal, a luz que Jesus ressuscitado introduziu para sempre na história. É à luz deste fato que a Igreja olha para tudo, pode olhar para tudo. Porque é apenas quando surge definitivamente a luz da Ressurreição de Jesus que podemos compreender aquilo que não conseguiríamos entender sem ela: o significado último de tudo. Por isso, naquela noite, exatamente a partir do presente, daquele momento em que é dominada pela luz da Ressurreição (que dita o método para olhar para tudo), a Igreja faz-nos olhar para toda a história que, a partir da criação, adquire toda a sua luminosidade: é a história em que se revela finalmente aos nossos olhos a positividade última da realidade.

À luz da Ressurreição, podemos olhar de frente para a pergunta mais urgente do homem: vale verdadeiramente a pena ter nascido? É a pergunta que nos assalta quando a vida, apesar de toda a sua beleza, de toda a sua promessa, nos encurrala: por que razão vale a pena ter nascido? Para esta pergunta que o homem se faz sobre a própria vida, só é possível encontrar uma resposta cheia de significado à luz da noite de Páscoa. Porque não teria valido a pena termos nascido se não tivéssemos a esperança duma vida plena, para sempre. Como nos recorda a carta aos Hebreus, viver seria uma condenação, porque viveríamos todos no medo da morte, sob aquela espada de Dâmocles que pende sobre nós. Em vez disso, nós podemos reconhecer a positividade última da criação, da vida do homem, da vida de cada um de nós, à luz da vitória de Cristo, porque ali encontra resposta completa a grande pergunta de significado da nossa vida. De fato, diz o canto da Proclamação: «De que nos valeria ter nascido/ se não nos resgatasse o seu amor? ».¹ Sem a Ressurreição Cristo, o que seria a vida, qual seria o seu significado?

A luz que domina a noite de Páscoa permite-nos compreender toda a história da salvação, da libertação da escravidão do Egito a toda a história dos profetas, uma história que não tem outro objetivo senão o de nos fazer entrar na lógica do desígnio de Deus que se revelou lentamente no tempo.

As leituras bíblicas da Vigília Pascal mostraram-nos a paixão que Deus tinha pelos

¹ Proclamação pascal, in *Missal Romano, Vigília pascal*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 1994, p. 452.

homens, para se interessar pela sorte dum povo insignificante como o de Israel, mostrando a todos que Ele não é indiferente ao sofrimento dos homens. Deus começa a responder dum modo concreto, particular, a este sofrimento e não abandona mais os Seus filhos. E mesmo que muitas vezes possam sentir-se abandonados, como uma mulher abandonada com a alma aflita, Deus chega até eles através dos profetas, como por exemplo Isaías: «Na verdade, como se pode repudiar a esposa da juventude?». Porém, diz o Senhor, «por um curto momento Eu te abandonei, mas, com grande amor, volto a unir-me contigo. [...] Por um instante escondi de ti a minha face; mas Eu tenho por ti um amor eterno. É o Senhor teu redentor quem o diz». Deus tranquiliza o seu povo: «Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o meu amor por ti nunca mais será abalado, e a minha aliança de paz nunca mais vacilará, quem o diz é o Senhor, que tanto te ama».²

Quando é que estas palavras adquirem verdadeiramente significado, a não ser com aquele fato, o fato potente da ressurreição de Cristo? Caso contrário, não passariam de palavras bonitas para um consolo sentimental, mas no fundo não constituiriam uma reviravolta crucial, decisiva, não introduziriam na vida algo de verdadeiramente novo. Só o fato da Ressurreição projeta sobre ela toda a luz necessária e a enche de significado. E então podemos perceber por que é que Jesus tinha dito aos seus discípulos: «Felizes os olhos que veem o que estais a ver. Porque - digo-vos - muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não o viram, ouvir o que ouvís e não o ouviram».³ Os profetas faziam parte desta história, tinham vivido parte desta história, desejaram ver a sua realização, mas não a viram. Por isso Jesus nos diz: «Bem-aventurados vós que o viram!»; diz-nos a nós, que o vimos, que vimos cumprir-se o Seu desígnio!

Por isso a Igreja, naquela noite de Páscoa, tem a luz para olhar para tudo, para toda a escuridão, para tudo aquilo para que os homens se recusam a olhar porque não têm resposta, a começar pelo nosso mal. Porque «eis a noite em que a coluna luminosa dissipou as trevas do pecado. Eis a noite que arranca ao mundo corrompido, cego pelo mal, os que hoje, em toda a terra, puseram a sua fé no Cristo. [...] Eis a noite em que o Cristo, quebrando os vínculos da morte, sai vitorioso do sepulcro». Diante desta luz, o povo explode num grito de alegria: «De que nos valeria ter nascido se não nos resgatasse o seu amor?». À luz deste acontecimento a Igreja e todos nós, se o Senhor nos dá verdadeiramente a graça dum mínimo de consciência, podemos dizer: «Oh! imensa comiseração da vossa graça, imprevisível amor para conosco: a fim de resgatar o escravo, entregais o vosso Filho!».⁴

Com Cristo ressuscitado no olhar, a Igreja é de tal modo capaz de olhar para tudo, que ousa dizer algo sobre o nosso pecado que, aos olhos da nossa razão, parece paradoxal:

² Is 54,6-8.10.

³ Lc 10,23-24.

⁴ Proclamação pascal, in *Missal Romano, Vigília pascal*, op. cit., p. 452.

“Ó culpa tão feliz!”. É um novo olhar sobre o mal que, de repente, é percebido como um bem: «Bendita culpa, que nos vale um semelhante Redentor! ». Continua a Proclamação Pascal: «Oh! noite santa, só tu mereceste conhecer o tempo e a hora em que Cristo ressuscitou dos infernos». E este é o mistério daquela noite: «O poder santificante desta noite expulsa o mal [não apenas o podemos olhar, como podemos ver a sua derrota], lava as culpas, devolve a inocência aos pecadores, a alegria aos aflitos».⁵

Como podemos não ficar gratos, se nos deixarmos iluminar pela luz que o evento da Ressurreição introduz para sempre na vida e na história? Por isso, não existe nenhuma circunstância que uma pessoa possa atravessar, não existe nenhuma dificuldade ou mal que uma pessoa tenha sobre os ombros que deva ser censurado, que possam ser tão grandes a ponto de não poderem ser olhados, desafiados, à luz da vitória de Cristo ressuscitado. À luz da Ressurreição, podemos olhar para tudo, amigos, porque nada é excluído desta vitória. Peçamos a o Senhor para sermos suficientemente simples para aceitar esta luz: que ela penetre nos recantos mais íntimos e escondidos do nosso ser!

Aquilo que celebramos na noite de Páscoa é somente um fato do passado, uma recordação devota, um gesto ritual que repetimos todos os anos? A esta pergunta não é possível responder apenas com uma reflexão ou com um raciocínio abstrato. Nenhum pensamento poderia satisfazer a urgência pungente desta pergunta, nenhum raciocínio conseguiria atenuá-la. O que pode documentar a verdade, isto é, a realidade daquilo que celebramos na Páscoa? Só um fato: o evento de um povo, como aquele que vimos na Praça de São Pedro. Um povo que confirma e que grita a realidade da Ressurreição.

Mas para poder absorver, com toda a sua densidade, aquilo que aconteceu na Praça de São Pedro, temos que olhar para um outro fato, um outro evento de povo, acontecido há dois mil anos, que testemunha e confirma a ressurreição de Jesus: o Pentecostes. «Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem. Ora, residiam em Jerusalém judeus piedosos provenientes de todas as nações que há debaixo do céu. Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou estupefacta, pois cada um os ouvia falar na sua própria língua. Atónitos e maravilhados, diziam: “Mas esses que estão a falar não são todos galileus?

⁵ *Ibidem*, pp. 452-453.

Que se passa, então, para que cada um de nós os ouça falar na nossa língua materna? Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia Cirenaica, colonos de Roma, judeus e prosélitos, cretenses e árabes ouvimo-los anunciar, nas nossas línguas, as maravilhas de Deus! Estavam todos assombrados e, sem saber o que pensar, diziam uns aos outros: “Que significa isto?”. Outros, por sua vez, diziam, troçando: “Estão cheios de vinho doce.”»⁶

Como vemos, logo desde o início, desde o primeiro instante, não basta ter à nossa frente o fato, apesar de tão imponente. É preciso a nossa liberdade para reconhecer o significado que o próprio fato grita. Para o descobrir é preciso um homem que esteja verdadeiramente disposto a tomar consciência de todos os fatores daquele evento, «com aquela inteligência positiva, com aquela inteligência pobre, pronta à afirmação afetuosa do real, em que consiste o terreno no qual se exalta a fé».⁷ Só assim uma pessoa podia encontrar resposta para a pergunta que aquele fato provocava – “O que significa esta reunião de pessoas?” – e verificar a razoabilidade das possíveis interpretações, como aquela de que aqueles homens estavam embriagados.

É a esta pergunta, à urgência desta pergunta, à pergunta que nasce do fato impressionante do Pentecostes, que Pedro responde com o seu discurso, relatado nos Atos dos Apóstolos: «Homens da Judeia e todos vós que residis em Jerusalém, ficai sabendo isto e prestai atenção às minhas palavras. Não, estes homens não estão embriagados como imaginais, pois apenas vamos na terceira hora do dia [um tanto ou quanto cedo para estarem embriagados!]; Mas tudo isto é a realização do que disse o profeta Joel: *Nos últimos dias – diz o Senhor – derramarei o meu Espírito sobre toda a criatura. Os vossos filhos e as vossas filhas hão de profetizar; os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos. Certamente, sobre os meus servos e as minhas servas derramarei o meu Espírito, nesses dias, e eles hão de profetizar. Farei ver prodígios, em cima, no céu, e sinais, em baixo na terra: sangue, fogo e uma coluna de fumo. O sol será transformado em trevas e a lua em sangue, antes de vir o Dia do Senhor, grande e glorioso. E então, todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.* Homens de Israel, escutai estas palavras: Jesus de Nazaré, Homem acreditado por Deus junto de vós, com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós por seu intermédio, como vós próprios sabeis, este, depois de entregue, conforme o desígnio imutável e a previsão de Deus, vós o

⁶ At 2,1-13.

⁷ L. Giussani, *A familiaridade com Cristo. Meditações sobre o ano litúrgico*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2008, p. 105.

matastes, cravando-o na cruz pela mão de gente perversa. Mas Deus ressuscitou-o, libertando-o dos grilhões da morte, pois não era possível que ficasse sob o domínio da morte. David diz a seu respeito: *'Eu via constantemente o Senhor diante de mim, porque Ele está à minha direita, a fim de eu não vacilar. Por isso o meu coração se alegrou e a minha língua exultou; e até a minha carne repousará na esperança, porque Tu não abandonarás a minha vida na habitação dos mortos, nem permitirás que o teu Santo conheça a decomposição. Deste-me a conhecer os caminhos da Vida, hás de encher-me de alegria com a tua presença.'* Irmãos, seja-me permitido falar-vos sem rodeios: o patriarca David morreu e foi sepultado, e o seu túmulo encontra-se, ainda hoje, entre nós. Mas, como era profeta e sabia que Deus *lhe prometera*, sob juramento, *que um dos descendentes do seu sangue havia de sentar-se no seu trono*, viu e proclamou antecipadamente a ressurreição de Cristo por estas palavras: *'Não foi abandonado na habitação dos mortos e a sua carne não conheceu a decomposição.'* Foi este Jesus que Deus ressuscitou, e disto nós somos testemunhas. Tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvis. David não subiu aos céus, mas ele próprio diz: *'O Senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até Eu pôr os teus inimigos por estrada dos teus pés.'* Saiba toda a casa de Israel, com absoluta certeza, que Deus estabeleceu como Senhor e Messias a esse Jesus por vós crucificado». «Ouvindo estas palavras, ficaram emocionados até ao fundo do coração e perguntaram a Pedro e aos outros Apóstolos: "Que havemos de fazer, irmãos?". Pedro respondeu-lhes: "Convertei-vos e peça cada um o batismo em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos seus pecados; recebereis, então, o dom do Espírito Santo"»⁸

Só a ressurreição de Cristo pode dar uma explicação adequada daquele fato. Diante da sua impotência, Pedro não pode deter-se num nível fenoménico ou sociológico de interpretação. Em Pedro prevalece aquela tensão exasperada de dizer o Seu nome: só Cristo ressuscitado, pela força do Seu Espírito, pode ser a explicação adequada do povo nascido da Páscoa. Pedro está todo dominado pela presença de Cristo ressuscitado e pode olhar para a realidade sem ficar na aparência, vencendo qualquer tipo de interpretação redutora. Ele não consegue olhar para nada a não ser com a presença de Cristo ressuscitado no olhar.

Amigos, só um olhar assim nos pode introduzir à compreensão adequada, sem reduções, daquilo que aconteceu na Praça de São Pedro. Nós fazemos parte do povo nascido da Páscoa de Cristo. Cada um de nós pode fazer a comparação entre a consciência com que viveu o evento de povo acontecido em Roma, no dia 7 de março, e a consciência de Pedro diante do evento de povo no Pentecostes.

Por isso os dias de Páscoa, amigos, são o paradigma do viver cristão. Tentemos imaginar como as aparições de Jesus ressuscitado, um dia a seguir ao outro – como nos

⁸ At 2,14-38.

recorda a liturgia – deviam arrebatá-los! O que era para eles a vida, se não o impor-se da Sua presença viva, se não o viver com a Sua presença no olhar? Já não podiam apagá-Lo dos seus olhos.

«O Mistério não é o desconhecido; é o desconhecido desde que se torna conteúdo de experiência sensível. É um conceito muito importante: por isso se fala do mistério da Encarnação, do mistério da Ascensão, do mistério da Ressurreição. Deus como Mistério seria uma imagem intelectual se nos detivéssemos na frase tal como ela é dita “Deus é Mistério”.»⁹

Sublinha com força Dom Giussani: «O Deus vivo é o Deus que se revelou na Encarnação: na morte e na ressurreição de Cristo. O Deus verdadeiro é Aquele que esteve entre nós, que se tornou sensível, palpável, visível, audível. [...] tornou-se experimentável, tornou-se presença na história do homem. [...] A Ressurreição é o culminar do mistério cristão. Tudo foi feito para isto, porque isto é o início da glória eterna de Cristo: “Pai, chegou a hora, glorifica o teu Filho”. Tudo e todos temos um sentido neste acontecimento: Cristo ressuscitado. A glória de Cristo ressuscitado é a luz, a cor, a energia, a forma da nossa existência, da existência de todas as coisas».¹⁰

Cada um pode ver como é que viveu os dias de Páscoa. Para os discípulos, foi o prevalecer da presença de Cristo ressuscitado no olhar e na consciência. E para nós? O que aconteceu em nós? Na nossa vida há facilmente uma fuga, uma falta de memória, um deixar de lado, como diz logo a seguir Dom Giussani: «A centralidade da Ressurreição de Cristo é diretamente proporcional à nossa fuga, como que de um desconhecido»; para nós, muitas vezes, é como se Cristo faltasse, como se fosse um "desconhecido", não é uma presença assim tão familiar, que nos atrai e nos enche da Sua presença. «Proporcional à nossa falta de memória, à timidez com que pensamos na palavra e como que saltamos para fora dela: a tudo isto é diretamente proporcional ao caráter decisivo da Ressurreição, como proposição do fato de Cristo, como conteúdo supremo da mensagem cristã, em cujo conteúdo se torna realidade aquela salvação, aquela purificação do mal, aquele renascimento do homem para que Ele veio».¹¹

Continua Dom Giussani: «É no mistério da Ressurreição que se encontra o culminar e o cume da intensidade da nossa autoconsciência cristã, por isso da autoconsciência nova de mim mesmo, do modo como olho para todas as pessoas e todas as coisas» a começar por mim mesmo! Não há outro olhar, amigos! Não há um outro olhar verdadeiro sobre nós, sobre a realidade, sobre as coisas, sobre as pessoas, sobre a história, depois da ressurreição de Cristo como evento histórico, a não ser aquele olhar que tem na Sua presença a luz para olhar para tudo. Porque «é na Ressurreição», sublinha Dom Giussani, «que está a pedra angular da novidade do relacionamento entre mim e eu mesmo, entre mim e os homens, entre mim e as coisas. Mas isto é a coisa de que mais nos defendemos. É como se fosse a coisa - se quiserem,

⁹ L. Giussani, *A familiaridade com Cristo*, op. cit., p. 69.

¹⁰ *Ibidem*, pp. 69, 71.

¹¹ *Ibidem*, p. 71.

duma forma respeitosa - mais deixada de lado, respeitosamente deixada na sua aridez de palavra intelectualmente entendida, entendida enquanto ideia, exatamente porque é o culminar do desafio do Mistério à nossa medida. [...] O cristianismo é a exaltação da realidade concreta, a afirmação do carnal, tanto que Romano Guardini diz que não há nenhuma religião mais materialista [ou seja, mais ligada à realidade concreta, à carne] do que o cristianismo; é a afirmação das circunstâncias concretas e sensíveis, graças às quais uma pessoa não sente uma nostalgia de grandeza quando se vê limitada naquilo que tem que fazer: aquilo que tem que fazer, ainda que pequeno, é grande, porque lá dentro vibra a Ressurreição de Cristo. "Imersos no grande Mistério". É desperdiçar algo do Ser, delapidar o Ser da sua grandeza, da sua potência e da sua senhoria; é lentamente esvaziar de conteúdo e fazer murchar o Ser, Deus, o Mistério, a Origem e o Destino, se não nos sentimos imersos neste Mistério, no grande Mistério: a Ressurreição de Cristo. *Imersos* como o eu está imerso no "tu" pronunciado com todo o teu coração, como a criança quando olha para a mãe, como a criança ouve a mãe.»¹²

É preciso por isso que «a inteligência da criança [...]seja recuperada em nós », para podermos olhar para as coisas de forma verdadeira. «Chama-se 'fé' à inteligência humana quando, permanecendo na pobreza da sua natureza original [como uma ânfora vazia de manhã], é toda preenchida por outro, já que em si é vazia, como braços escancarados que ainda têm que agarrar a pessoa que esperam. Não me posso conceber se não imerso no Teu grande Mistério: a pedra rejeitada pelos construtores deste mundo, ou por cada homem que imagina e projeta a sua vida, tornou-se a pedra angular e só sobre ela é possível construir. Este Mistério – Cristo ressuscitado – é o juiz da nossa vida; Ele, que a julgará toda no fim, julga-a dia a dia, de hora a hora, de momento em momento, sem solução de continuidade. Quero sublinhar que este "vê-Lo" como o Ressuscitado [...] é um juízo: ressuscitaste, ó Cristo». « Este reconhecer o que aconteceu com Ele, com Ele morto, é um juízo [...], [ou seja] um ato do intelecto que rompe o horizonte normal da racionalidade e agarra e testemunha uma Presença que, de todos os lados, ultrapassa o horizonte do gesto humano, da existência humana e da história. [...]É por graça que nós podemos reconhecê-Lo ressuscitado e que nós podemos imergir-nos no Seu grande Mistério; é por graça que nós podemos reconhecer que, se Cristo não tivesse ressuscitado, tudo era vão, vã era a nossa fé, ou seja, dizia São Paulo, vã era a nossa afirmação positiva, segura, alegre, vã era a nossa mensagem de felicidade e de salvação, e "vós estais ainda nos vossos pecados", ou seja, na mentira, no não ser, no não conseguir ser».¹³

Dom Giussani não usa meios-termos: «Sem a ressurreição de Cristo só há uma alternativa: o nada. Nós nunca pensamos nisto. Por isso passamos os dias com aquela cobardia, com aquela mesquinhez, com aquele descuido, com aquela instintividade obtusa, com

¹² *Ibidem*, pp. 71-72, 76.

¹³ *Ibidem*, pp. 76, 78.

aquela distração repugnante em que o eu [...] se dispersa. Assim, quando dizemos "eu", dizemo-lo para afirmar um pensamento nosso, uma medida nossa (também chamada "consciência") ou um instinto nosso, uma vontade nossa de ter, uma nossa pretensa, ilusória, possessão. Fora da ressurreição de Cristo, tudo é ilusão: jogamos. Ilusão é uma palavra latina que tem como raiz última a palavra "jogo": somos jogados, jogados dentro, iludidos. É-nos fácil olhar todo o imenso rebanho dos homens na nossa sociedade: é a grande, imensa presença das pessoas que vivem na nossa cidade, das pessoas que vivem perto de nós [...], das pessoas mais estreitamente próximas de nós em casa. E nós não podemos negar que experimentamos esta mesquinhez, esta sordidez, esta negligência, esta distração, este esquecimento total do eu, este reconduzir-se do eu no sentido da afirmação violenta e presunçosa ou do pensamento que vem, [...] ou do instinto que pretende agarrar e possuir algo que ele decide que lhe dá prazer, que é satisfatório e útil. [...] Nunca a palavra pedir, rezar, implorar, se torna tão decisiva como diante do mistério de Cristo ressuscitado.»¹⁴

Por isso, prossegue Dom Giussani, «para imergirmos no grande Mistério temos que suplicar, pedir: pedir, esta é a maior riqueza. [...] O realismo mais intenso e mais dramático é pedi-Lo».¹⁵ Como escrevia Santo Agostinho: «Se o teu desejo está diante dele [o Mistério], ele que vê no segredo o escutará [...] O teu desejo é a tua oração [o teu pedido]; se o desejo é contínuo, também a oração é contínua. [...] Se não queres cessar de orar, não cesses de desejar».¹⁶

Que gratidão imensa e sem limites ouvir de novo estas coisas, dar-mos conta de que, mais uma vez, Cristo Se faz tão evidentemente presente! Nenhuma notícia é comparável a esta: Cristo presente ainda tem piedade de nós. É assim que Ele continua a ser o primeiro, que Ele nos *primerea*. Com esta Presença no olhar, podemos olhar e julgar tudo; podemos ter um olhar cheio desta luz sobre o nosso tempo, sobre o vazio, sobre a violência, sobre a tribulação, sobre o sofrimento.

Este olhar também nos pode ajudar a perceber toda a densidade do que vivemos na Praça de São Pedro. São tantos os sinais do acontecimento que foi Roma para nós, como muitos de vocês escreveram. Vocês, como eu, sabem isso bem. "No regresso de carro" – dizia resumidamente um de vocês – "juntamente com amigos, havia um clima diferente: era flagrante que a todos nós, naquele dia, tinha acontecido alguma coisa". São muitos os sinais de que o dia 7 de março não foi apenas um golpe sentimental, mas que determinou um olhar novo sobre a vida.

O que aconteceu na Praça de São Pedro? O Papa não nos falou, apenas. Com ele

¹⁴ *Ibidem*, pp. 78-79, 81.

¹⁵ *Ibidem*, p. 81.

¹⁶ Santo Agostinho, *Exposição sobre os Salmos*, Salmo 37,14.

vivemos um gesto que – para usar a sua expressão – nos “descentrou”, nos reportou uma vez mais ao centro e nos fez experimentar Cristo em ação. Não há outro ponto de partida para olhar para tudo o que aconteceu ali, a não ser esta experiência. O Papa Francisco fez acontecer aquilo de que nos falou: um encontro, um encontro cheio de piedade, de misericórdia. É o mesmo método da noite de Páscoa. Por isso, é à luz da experiência feita que podemos perceber aquilo que nos disse, incluindo o seu chamamento à conversão para não perder o centro, Cristo, em tudo o que fazemos.

Notei nalgumas pessoas algum espanto diante deste apelo à conversão. Mas, amigos, seríamos presunçosos se pensássemos que não temos necessidade de conversão, que não há nada em nós que deva ser mudado. Quem de nós não tem necessidade de conversão? Por isso, ao ouvir as várias reações, veio-me à cabeça um trecho da Carta aos Hebreus que cita os Provérbios, que julgo que nos poderá ajudar a ler o discurso do Papa com a atitude certa: «Deste modo, também nós, circundados como estamos de tal nuvem de testemunhas, deixando de lado todo o impedimento e todo o pecado, corramos com perseverança a prova que nos é proposta, tendo os olhos postos em Jesus, autor e consumidor da fé. Ele, renunciando à alegria que lhe fora proposta, sofreu a cruz, desprezando a ignomínia, e sentou-se à direita do trono de Deus. Considerai, pois, aquele que sofreu tal oposição por parte dos pecadores, para que não desfaleçais, perdendo o ânimo. Ainda não resististes até ao sangue na luta contra o pecado. Esquecesteis a exortação que vos é dirigida como a filhos: *Meu filho, não desprezes a correção do Senhor, e não desanimes quando és repreendido por Ele, porque o Senhor corrige os que ama e castiga tudo o que reconhece como filho (Pro 3,11-12)*. É para vossa correção que sofreis. Deus trata-vos como filhos; e qual é o filho a quem o pai não corrige? Mas, se estais isentos da correção, da qual todos participam, então sois todos bastardos e não filhos. [...] Deus corrige-nos para nosso bem, para nos fazer participantes da sua santidade. É certo que toda a correção, no momento em que é aplicada, não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; mais tarde, porém, produz um fruto de paz e de justiça nos que foram exercitados por ela».¹⁷

Prestem atenção à diferença entre algumas das nossas reações ao discurso do Papa e a reação de Dom Giussani depois do reconhecimento da Fraternidade de Comunhão e Libertação, no dia 11 de fevereiro de 1982. Assim, cada um pode fazer a comparação.

«O ato da Santa Sé “erige e confirma em pessoa jurídica para a Igreja universal a associação leiga denominada *Fraternidade de Comunhão e Libertação*, declarando-a, para todos os efeitos, Associação de Direito Pontifício e estabelecendo que seja reconhecida por todos como tal”. [Mas] o texto do decreto [de reconhecimento] vinha acompanhado por uma carta do Cardeal Rossi, endereçada a Dom Giussani, na qual se fazia uma lista de

¹⁷ Eb 12,1-11.

"recomendações" entre as quais: "a coerente afirmação do próprio carisma deve evitar 'tentações de autossuficiência'; o reconhecimento da natureza eclesial da Fraternidade implica 'uma sua plena disponibilidade e comunhão com os Bispos, com o chefe e Supremo Pastor da Igreja'; [...] [os sacerdotes devem estar] 'ao serviço da Unidade'; [...] [e todos] os membros não devem impedir que 'a fé mantenha toda a sua força de irradiação sobre a vida' "e assim por diante. Giussani recordará ter dito ao Cardeal Rossi, que lhe lia a carta, que gostaria de publicá-la, e de ter ouvido o purpurado responder: "Não, não a publique! Porque os mal-intencionados poderão interpretar mal as recomendações que nela estão escritas". Pelo contrário, para Giussani, a carta "é precisamente um exemplo da maternidade com a qual a Igreja consegue", quando há pastores como o Cardeal, "acompanhar os seus filhos". Nesse momento, o Cardeal consente a publicação».¹⁸

Por que é que temos tanto medo de acolher os apelos do Papa e de reconhecer os nossos erros? É um sinal de que a nossa consistência ainda está naquilo que fazemos, naquilo que temos, ou seja, que nos afastamos de Cristo. Por isso nunca há paz em nós, nem alegria: porque não colocamos a consistência naquilo que nos aconteceu, n'Ele que nos aconteceu.

Por que razão o Papa e Dom Giussani não têm este medo? Porque, para eles, a certeza está noutra coisa, não no que fazem e no que têm. Oíçam o que diz Giussani – parece-me um juízo crucial para começar bem estes dias de Exercícios e para olhar para tudo à luz da ressurreição de Cristo: «Normalmente nós procuramos [...] [a] consistência, naquilo que fazemos ou naquilo que temos, que é a mesma coisa. Assim, a nossa vida nunca tem aquele sentimento, aquela experiência da certeza plena, que a palavra "paz" indica, aquela certeza e aquela plenitude [...], aquela certeza plena, [...]sem a qual não há paz, [...] não há alegria. No máximo, chegamos à complacência naquilo que fazemos, à complacência connosco mesmos. E estes fragmentos de complacência naquilo que fazemos, ou naquilo que somos não resultam em nenhuma alegria e nenhuma felicidade, nenhum sentido de plenitude seguro, nenhuma certeza e nenhuma plenitude». Aquilo que perdemos é isto! «A certeza é algo que ocorreu a nós, aconteceu a nós, entrou em nós, foi encontrado por nós: [...]a consistência da nossa pessoa [...] [é] é algo que nos aconteceu [...], "Um que nos aconteceu». [...] "Vivo, não eu, mas é este [Cristo] que vive em mim"».¹⁹

O Papa e Dom Giussani podem olhar para tudo porque estão certos de Cristo e da Sua misericórdia. O Papa pode mesmo dizer: «E por isso, algumas vezes, me ouviram dizer que o lugar, o lugar privilegiado do encontro com Jesus Cristo, é o meu pecado».²⁰ Não conseguimos imaginar nada de mais libertador para podermos olhar para nós mesmos,

¹⁸ A. Savorana, *Vida de Dom Giussani*, Bur, Milão 2014, pp. 602-603.

¹⁹ L. Giussani, *A familiaridade com Cristo*, op. cit., pp. 25-26.

²⁰ Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

para podermos olhar para tudo aquilo que somos, até para aquilo que não conseguiríamos olhar! Que experiência fez o Papa para conseguir dizer isto diante do mundo? “O lugar privilegiado do encontro é a carícia da misericórdia de Jesus Cristo para com o meu pecado».²¹ É a certeza de Cristo que está na base da sua audácia. A mesma audácia da Igreja que, na noite de Páscoa, grita a todo o mundo: Bendita culpa, que nos vale um semelhante Redentor!». Não devemos censurar nada; nada está excluído deste olhar, deste abraço cheio de piedade.

A censura de nós mesmos, o medo, a falta de audácia confirmam então o quanto nós já nos afastamos de Cristo, o quanto estamos distantes d’Ele e centrados em nós mesmos: não é Cristo o centro da vida! Com efeito, só alguém que não se tenha afastado de Cristo é que não tem medo de olhar para tudo, até mesmo para o próprio mal. Quanta necessidade temos de sermos descentrados de nós mesmos para que Ele volte a ser o centro e nos permita olhar para tudo, para tudo mesmo! «Jesus Cristo é sempre o primeiro, antecipa-se a nós, espera-nos, Jesus Cristo precede-nos sempre; e quando nós chegamos, Ele já estava à espera».²² Quem é que consegue imaginar um presente maior do que este para para si, para a própria vida? Algo de mais útil para começar estes dias?

Mas não acaba aqui, não é apenas isto. Porque sem a experiência da misericórdia eu não só não encontro paz, como, sobretudo, não conheço verdadeiramente Cristo. «As pessoas honestas» – diz Péguy – «não apresentam aquela abertura produzida por uma ferida assustadora, por uma inesquecível miséria, por um lamento invencível, por um ponto de sutura eternamente mal ligado, por uma mortal inquietação, por uma invisível recôndita ansiedade, por uma secreta amargura, por uma precipitação perpetuamente mascarada, por uma cicatriz eternamente mal curada. Não apresentam aquela abertura à graça que é essencialmente o pecado. [...] As “pessoas honestas” não se deixam banhar pela graça».²³

Disse-nos o Papa: «Só quem foi acariciado pela ternura da misericórdia, conhece verdadeiramente o Senhor».²⁴ Sem a experiência da misericórdia, não conhecemos Cristo! À parte o engano e a ingenuidade de nos pensarmos sem pecado, se não experimentamos e não reconhecemos a Sua misericórdia nunca poderemos – nunca! – saber quem é Cristo. A falta de experiência da Sua misericórdia confirma o quanto nos “afastamos”, o quanto estamos descentrados, desviados de Cristo.

Que consolo, então, reler a cena do fariseu e da mulher pecadora, para começar estes

²¹ *Ivi.*

²² *Ivi.*

²³ Ch. Péguy, *Nota conjunta sobre Descartes e a filosofia cartesiana*, in Id., *Lui è qui*, Bur, Milão 1997, pp. 474-475.

²⁴ Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

dias!

«Um fariseu convidou-o para comer consigo. Entrou em casa do fariseu, e pôs-se à mesa. Ora certa mulher, conhecida naquela cidade como pecadora, ao saber que Ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. Colocando-se por detrás dele e chorando, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas; enxugava-os com os cabelos e beijava-os, unguindo-os com perfume. Vendo isto, o fariseu que o convidara disse para consigo: "Se este homem fosse profeta, saberia quem é e de que espécie é a mulher que lhe está a tocar, porque é uma pecadora!" Então, Jesus disse-lhe: "Simão, tenho uma coisa para te dizer." "Fala, Mestre" - respondeu ele. "Um prestamista tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta. Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?" Simão respondeu: "Aquele a quem perdoou mais, creio eu." Jesus disse-lhe: "Julgaste bem." E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: "Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; ela, porém, banhou-me os pés com as suas lágrimas e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste um ósculo; mas ela, desde que entrou, não deixou de beijar-me os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, e ela ungiu-me os pés com perfume. Por isso, digo-te que lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama." Depois, disse à mulher: "Os teus pecados estão perdoados." Começaram, então, os convivas a dizer entre si: "Quem é este que até perdoa os pecados?" E Jesus disse à mulher: "A tua fé te salvou. Vai em paz."».²⁵

Quem conhece melhor Jesus? Quem pode experimentar um amor maior e viver aquela moralidade de que nos falava o Papa? Aquele a quem muito é perdoado, ama muito. Como podia aquela mulher amar assim tão intensamente? Graças à consciência que tinha de já ter sido perdoada de tudo, porque tinha conhecido aquele homem. Que audácia! A audácia que lhe vem de ter sido perdoada faz com que entre naquela casa e faça aquele gesto sem precedentes. Havia um lugar onde tinha sido acolhida com todo o seu mal, onde se tinha sentido abraçada por um olhar cheio de misericórdia. Por isso, não tinha medo de olhar para o seu próprio pecado. Descentrada de si e do seu pecado, determinada pelo olhar de Cristo, aquela mulher já não podia olhar para nada sem Cristo no olhar. Esta é a libertação que Cristo traz à nossa vida, qualquer que seja o nosso mal.

Peçamos para que Cristo domine de tal forma estes dias, que possamos regressar a casa "livres".

Um gesto desta dimensão não é possível sem o contributo de cada um de nós. "Como?", perguntava-se Dom Giussani nos Exercícios da Fraternidade de 1992. "Com uma única coisa com o silêncio. Que pelo menos por um dia e meio [...] saibamos descobrir e deixar penetrar o silêncio! Nesse silêncio, pensamento e coração, perceção daquilo que nos

²⁵ Lc 7,36-50.

rodeia e, exalta-se por isso um abraço fraterno, amigável, com as pessoas e as coisas. Que por um dia e meio durante um ano inteiro, nos entreguemos ao esforço, à dificuldade deste silêncio!». Vamos perder o melhor, se não dermos espaço à possibilidade de que aquilo que acontece nos penetre até ao mais íntimo de nós. «O silêncio não é o não falar; o silêncio é estar preenchido, no coração e na mente, pelas coisas importantes, aquelas em que normalmente nunca pensamos, apesar de serem elas o motor secreto pelo qual fazemos tudo. Nada daquilo que fazemos nos basta, é satisfatória [...], exaustiva a razão para o fazer [...]. [Pelo contrário] o silêncio [...] coincide com aquilo a que chamamos memória», para deixar entrar este olhar. «Por isso insistimos para que o silêncio seja respeitado na sua natureza [...], mas também para que seja salvo o contexto para o qual a memória pode ser útil: o não falar inutilmente. Recomendamos o silêncio acima de tudo durante as deslocações», para que assim, quando entrarmos no salão, «a memória seja favorecida pela música que escutarmos ou pelos quadros que vemos; estaremos assim predispostos a olhar, a escutar, a sentir com a mente e com o coração aquilo que, de alguma forma, Deus nos irá propor». E concluía: «Temos que sentir uma grande compaixão pelo que nos é proposto e pela forma como nos é proposto; a intenção é boa, quer o teu bem, quere-te bem. Seria muito triste o não poder fazer outra coisa, mas aquilo que fazemos juntos neste dia e meio não é senão um aspeto do grande gesto amoroso com que o Senhor – ainda que tu não te dês conta – conduz a tua vida para aquele Destino que é ele».²⁶

²⁶ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de um Outro*, Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Apontamentos das meditações - Rimini 1992, suppl. a *CL-LitteraeCommunionis*, n. 6, 1992, pp. 4-5.